

## OS CARNAVAIS DE RUA NA CIDADE DE POMBAL: DAS INVERSÕES DE VALORES A RESIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS (1920- 1950)

Helmara Giccelli Formiga Wanderley\*

Até a década de 1970, a historiografia tratou com desconfiança os temas vinculados à cultura popular, especialmente as festas, consideradas práticas pouco relevantes para a historiografia das relações sociais.

Muitos autores relacionavam tais práticas a manobras de controle das elites dominantes sobre a “não-elite”<sup>1</sup>. A festa, segundo Rachel Soihet, era considerada por tais pesquisadores como:

Uma válvula de escape para as tensões do cotidiano, permitida, controlada e estimulada pelos grupos dominantes. Constituir-se-ia, em última estância, em um recurso utilizado pelo poder para a manipulação e o reforço da ordem vigente, capitalizando em proveito próprio os excessos nela manifestado<sup>2</sup> (SOIHET, 1992, p.47).

Mas tal concepção ignora a complexidade das manifestações populares expressas nas atitudes, nos valores e nos comportamentos dos diferentes segmentos sociais (SOIHET, 1992). A autora evidencia que é a “festa” o cenário privilegiado onde podemos encontrar características essenciais de culturas diversas, na festa, afirma Soihet, “estão presentes aspectos expressivos do universo cultural dominante; por outro lado, aí encontram-se imbricados elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos, suas práticas” (SOIHET, 1992, p. 46). Assim, dizendo de outra forma, é dentro das festas que os valores culturais da elite se entrelaçam aos valores dos populares<sup>3</sup> influenciando-se reciprocamente.

---

\* A autora é Mestra em História pelo PPGH-UFCG e Professora da Universidade Federal de Campina Grande- Campus Sousa- PB; professora da Faculdade Santa Maria – Cajazeiras-PB; [www.helmaragiccelli@hotmail.com](mailto:www.helmaragiccelli@hotmail.com)

<sup>1</sup> A expressão “não-elite” é utilizada por Peter Burke para designar os grupos nomeados como “populares”. Ver BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade moderna**. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

<sup>2</sup> DUMAZEDIER, em seu livro **Lazer e Cultura popular** (1976), mostra como o “lazer” popular não se reduz ao tempo de não-trabalho e as necessidades da vida social e da economia, mas um movimento de proporções mais amplas que transforma não somente as estruturas da sociedade, mas as orientações da própria vida

<sup>3</sup> Segundo o Dicionário Digital Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – Século XXI, o termo popular significa: 1.do, ou próprio do povo: hábitos populares; 2.feito para o povo; 3.agradável ao povo; que tem as simpatias dele; 4. democrático; 5.vulgar, trivial, ordinário; plebeu. Já o vocábulo povo é entendido como: 1.conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns; 2.os habitantes de uma localidade ou região; 3. povoado; 4.aglomeração de gente; multidão; 5. o conjunto das pessoas que constituem o corpo de uma nação, que

Na esteira dessas reflexões, uma questão inicial se coloca: há uma cultura de elite e/ou uma cultura popular? Uma importante contribuição para a análise dessa questão vem do historiador francês Roger Chartier, para quem a divisão entre cultura elitizada/letrada e cultura popular/iletrada é algo já suplantado.

Saber se pode chamar-se popular ao que é criado pelo povo ou aquilo que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa antes de mais identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais” (CHARTIER, 1990, p. 56).

Chartier destaca-se assim, por suas críticas a cultura enquanto prática singular. Para ele não existe uma cultura erudita e/ou uma cultura do povo, dita “popular”. Segundo esse autor, ambas se fundem, muito embora cada segmento social use representações próprias para delimitar o seu lugar.

Representação, eis uma importante categoria para analisar a cultura, ou “as culturas”. Aliás, de acordo com Chartier a cultura deveria ser analisada a partir do entrelaçamento de três categorias fundamentais, além das representações, as práticas e as apropriações<sup>4</sup>.

Levando-se em consideração as três categorias apontadas por Chartier, e ao se admitir a existência de várias culturas, devemos pensar em como, ou de que maneira existe uma relação entre elas. Nesse sentido, é que a maioria dos estudos acerca de cultura reflete mais sobre a integração e interação do que sobre a divisão e oposição entre as culturas denominadas como elite e populares. Assim, ao analisarmos a cultura a

---

se submetem às mesmas leis; 6.o conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas. É importante notar que somente na quinta acepção é que o termo é compreendido como a totalidade dos habitantes de um território, elite e pobres.

<sup>4</sup> Segundo Chartier: “pode pensar-se a história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos –ou, por outras palavras, das **representações** do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (1990, p.19); “a **apropriação**, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas”. (1990, p. 26-27); “rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar-, dirige-se às **práticas** que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo” (1990, p. 27). (*os grifos são nossos*).

partir de uma perspectiva que contemple sua pluralidade e dinâmica, nos aproximamos do conceito de *circularidade cultural* de Mikhail Bakhtin.

Ao analisar da obra de Rabelais, Bakhtin identificou que há uma grande relação entre a cultura cômica popular e a cultura considerada como “oficial” no Renascimento. Para ele essa relação entre as culturas ao mesmo tempo em que se mostrava harmônica era também marcada por grandes conflitos.

A cultura popular é claramente marcada pela festa, em face disso, são muitos os elementos carnavalescos existentes na obra de Rabelais<sup>5</sup>. Entre eles destacam-se: a praça, o banquete, o vocabulário, os jogos, as imagens grotescas do corpo e os insultos. Elementos tais que aparecem como complementares e indissociáveis.

Bakhtin, afirma que as obra de Rabelais distinguem-se por apresentar caráter “não-oficial”<sup>6</sup>, e só são compreendidas considerando-se a reciprocidade entre a cultura erudita e a cultura popular. Nesse sentido, é que, já no início de seu livro *A Cultura Popular na Idade Média e no renascimento, o contexto de François Rabelais*, o autor aborda a história do riso. Essa talvez seja a chave para a compreensão do seu conceito de *circularidade cultural*. Uma vez que com o surgimento do Estado e da Igreja a relação entre o riso e o sério, adquiriu caráter contraditório, assumindo o riso um caráter “não-oficial”. Assim, as festas, especialmente o carnaval e os espetáculos cômicos, muito diferentes das cerimônias oficiais sérias da Igreja e do Estado, passam a ter grande importância na vida dos homens das classes menos favorecidas, o que revela uma visão de mundo exterior ao que a Igreja e o Estado denominavam como oficiais.

Mas Bakhtin mostra que o riso, não era monopólio dos populares,

Os clérigos de baixa e média condição, os escolares, os estudantes, os membros das corporações e finalmente os diversos e numerosos elementos instáveis, situados fora dos estratos sociais, eram os que participavam mais ativamente nas festas populares. [...] A verdade do riso englobava e arrastava a todos, de tal maneira que ninguém podia resistir-lhe (BAKHTIN, 1999, p. 71).

Deste modo, se o riso foi expurgado dos rituais religiosos e estatais oficiais, fora dessa esfera ele tinha um sentido maior e mais profundo, afirma Bakhtin, “ele

---

<sup>5</sup> O carnaval é considerado a maior expressão das festas populares, afirma, Rachel Soihet. Sobre as festas populares ver: SOIHET, Rachel. **O Drama da conquista na Festa**: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 9, 1992 p. 44-59.

<sup>6</sup> Eram consideradas como práticas oficiais aquelas que se aproximavam dos cânones e regras literárias do século XVI.

concretiza a esperança do popular num futuro melhor, num regime social e econômico mais justo, numa nova verdade” (BAKHTIN, 1999, p. 70).

Nesse sentido, as festas, representavam uma nova temporalidade, um período de interrupção da vida cotidiana, momento de violação dos valores instituídos pelo sistema oficial. Momento em que as leis do Estado e da Igreja eram abandonadas e vigorava, pelo menos provisoriamente uma liberdade não-oficial.

Dessa forma, conclui-se que as festas, são expressões populares, foram essas práticas que sancionaram o riso. As fronteiras entre a cultura cômica e a erudita foram rompidas quando o riso adentrou a literatura oficial. Assim, Bakhtin afirma:

Formas inferiores começaram cada vez mais a infiltrar-se nos domínios superiores da literatura. O riso popular penetra nas epopéias [...] A cultura cômica começa a ultrapassar os limites estreitos das festas, esforça-se por penetrar em todas as esferas da vida ideológica (BAKHTIN, 1999, p. 84).

É portanto, a partir de reflexões como essa que Bakhtin, formulou seu conceito de circularidade, que faz entender que, elementos da cultura erudita são encontrados na cultura popular, da mesma forma que elementos da cultura popular são achados e interagem com elementos da cultura de elite.

Mas a relação entre as culturas não é tão simples. Ambos os segmentos, partilham de códigos próprios, o que permite analisá-la a partir de uma perspectiva social, enfatizando a diversidade de valores e sentidos. Nesse aspecto, percebe-se uma constante tentativa da elite para eliminar ou coibir as manifestações populares. Contudo, a partir de apropriações, táticas, usos, invenções e reinvenções as expressões populares subsistem<sup>7</sup>.

Em face disso, são muito pertinentes as idéias de Michel de Certeau (2001), que entre outras coisas afirma que o cotidiano se constrói nas “artes de fazer com”.

Antes de enveredarmos nos labirínticos caminhos da cultura popular, é preciso ainda, sabermos que estamos tratando de um termo fugidio, dado as suas muitas definições. Contudo, tentaremos cercar essa expressão de maneira a não deixá-la excessivamente ampla e vaga.

---

<sup>7</sup> Sobre as concepções de apropriações, táticas, usos, invenções e reinvenções ver CERTEAU (2001).

Assim, diante de tal idéia, consideramos importante lembrar que por muito tempo

O termo cultura costumava se referir às artes e as ciências. Depois foi empregado para descrever seus equivalentes populares – música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (BURKE, 2005, p. 43).

Nosso recorte fixa-se nesta última perspectiva, aproximando-se do campo da Antropologia, onde a cultura é pensada “como um conjunto de significados partilhados e construídos por homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 15).

Já a cultura popular é definida segundo Roger Chartier de duas maneiras. Primeiro, por cultura popular, entende-se “um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. Depois, percebe-se a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes” (CHARTIER, 1995, p. 1).

Para além de enunciar as clivagens sociais, as teorizações de Chartier explicitam também o poder de determinados agentes ou grupos, de nomear e definir outros grupos. O autor nos lembra também que os realizadores das práticas nomeadas como populares não costumam de definir como tal, o que acreditamos ser consequência da incorporação, por parte dos setores subalternos, de valores e conceitos oriundos dos setores hegemônicos da sociedade. Em suma, Chartier discorda das abordagens que qualificam a cultura popular como universo simbólico independente e/ou submisso.

Outro autor que também coaduna com as idéias de interação entre as culturas é Carlo Ginzburg. Em sua obra *O queijo e os Vermes*, Ginzburg afirma que

O emprego do termo *cultura* para definir o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamentos próprios das classes subalternas, num certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da antropologia cultural (GINZBURG, 1987 p. 16).

De acordo com este autor, somente a partir do conceito de “cultura primitiva” é que foi possível reconhecer que aqueles indivíduos anteriormente definidos como camadas inferiores do povo civilizados possuíam cultura. Supera-se a posição de quem distinguia nas idéias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais

do que um acúmulo desorgânico de fragmentos de idéias, crenças, visões de mundo elaboradas pelas classes dominantes (GINZBURG, 1987).

Assim, em face do exposto, os conceitos de circularidade cultural, propostos por Ginzburg e influenciados por Bakhtin, que propõe como recíprocas as influências entre a cultura das classes subalternas e a das classes dominantes é fundamental para o nosso trabalho, pois nos permite refletir sobre a festa de carnaval enquanto uma prática cultural onde estão imbricados aspectos de uma cultura nomeada como de elite, assim como, características de uma cultura dita popular.

### ***CARNAVAL NA RUA: OS “PERNAS-PRETAS”<sup>8</sup>***

*“(...) Não há quem possa empatar  
Os Pernas-pretas de danças?  
Não há quem possa empatar  
Os Pernas-pretas de cantar?”<sup>9</sup>*

Até o final do decênio de 1950 era comum ouvir durante os dias que antecediam o carnaval e também durante essa festa, o som desafinado dessa música percorrer a cidade de Pombal. Uma nova temporalidade estava surgindo!

Aos poucos as ruas eram tomadas por espectadores, transeuntes e foliões. O centro da cidade se transformava em espaço de diversão e lazer<sup>10</sup>, mas não só isso, a rua se torna um lugar de perigos. Era o barulho ensurdecido dos tambores que sinalizam sobre essa nova ordem social, em nada parecida aos cultos religiosos. O momento era de ruptura com a ordem estabelecida. O período era de excessos. Estava começando o carnaval...

Segundo Chistine Werneck,

As festas e os divertimentos deveriam ser cuidadosamente controlados, pois eram considerados perniciosos aos homens, dando-

---

<sup>8</sup> Bloco carnavalesco surgido por volta de 1926 e que existiu até o final da década de 1950 na cidade de Pombal-PB.

<sup>9</sup> A Sra. Francisca Trigueiro Tôres, em entrevista contou o que seria o refrão da música que os foliões do bloco cantavam nas ruas da cidade, o restante da letra a rememoradora não pode nos informar. Ela lembra ainda que os foliões eram muito desafinados.

<sup>10</sup> De acordo com Antonio Clarindo Barbosa de Souza, lazer e diversão não possuem o mesmo significado, enquanto os lazers são as diversões controladas, organizadas, as diversões, são aquelas praticas mais livres que acontecem sem uma prévia organização. SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

lhes chance de se entregarem ao vício e as armadilhas do pecado (WERNECK, 2000, p.36).

Consideradas desde a Idade Média como práticas demoníacas, as festa, especialmente aquelas em homenagem ao rei Momo, continuaram estigmatizadas ainda durante muito tempo<sup>11</sup>. Dessa forma mantinha-se uma ordem social e moral que excluía as mulheres dessas práticas subversivas. Mas não só as mulheres eram excluídas das festas, dependendo da ocasião, excluía-se também crianças, negros, velhos, homens pobres, religiosos ou homens ricos, sendo que a exclusão deste último grupo era pouco comum.

Mesmo com tais exclusões, sem dúvida a festa é ainda um lugar de influências recíprocas. Espaço marcado pela presença e vivência de pessoas dos diferentes setores sociais, configurando-se não só como espaço diversional, mas também se constituindo “num palco onde a dialética dominação /resistência marca a sua presença<sup>12</sup>” (SOIHET, 1992, p.47).

Assim, dentre as inúmeras festas, o carnaval é sem dúvida a mais popular de todas as elas - suplantando até as festas de cunho religioso-, pois configura-se como um momento de suspensão das regras e escape para as tensões sociais<sup>13</sup>.

Nesse sentido é que durante aqueles dias, a cidade ganhava um tom alegre, mas também ameaçador, afinal, o que mais se ouvia durante os dias que antecedia aquela festa era: “meus irmãos, fique atentos, o diabo está solto e quer corromper o povo de Deus. A festa do pecado da carne se aproxima e o melhor que temos a fazer é rezar, e principalmente nos afastarmos da tentação!” (FARIAS, 2008). O esforço do paroquiado local para coibir as práticas carnavalescas era enorme. A festa acontecia mesmo contra a vontade destes. Mas no imaginário do povo as imagens demoníacas, a idéia do juízo final, de pecado tinham grande ressonância, ainda que muitos [cristãos] aderissem as folias. Exemplo disso são as descrições feitas pelos antigos habitantes da pequena cidade de Pombal, sobre o bloco carnavalesco “Pernas-pretas”.

---

<sup>11</sup> Sobre isso ver BAKHTIN (1999).

<sup>12</sup> Sobre isso MAGNANI, ao discorrer sobre o tempo de lazer, afirma que as camadas populares não são de forma alguma manipuladas, pois apesar das limitações que lhes são impostas, há nesses momentos a prática da escolha. Nas palavras do autor, o tempo de lazer é chamado de tempo livre pelo fato de que nessas horas, o trabalhador escolhe. Assim, afirma: “fica difícil aceitar as explicações simplificadas que enfatizam a manipulação das camadas populares pelos grupos dominantes quando percebemos que os momentos de lazer se inscrevem nestes espaços de opção onde é legítimo buscar o entretenimento” (MAGNANI, 1998, p.15). Ver também, ABREU, (2002, p. 273-274).

<sup>13</sup> Em Pombal, a festa mais popular era sem dúvida a Festa do Rosário, embora de cunho religioso, destacava-se muito mais por suas práticas profanas que pelos ritos religiosos.

Era uma coisa impressionante! o que era de homem era tudo nesse bloco, tanto os ricos (sic) quanto os pobres. Ai era tudo vestido de preto, camisa de manga, bermuda, tinha uma capa também, meia e sapatos, tudo preto! As meias batiam bem assim no joelho, por isso é que era os “Pernas-pretas” (TORRES, 2004).

Já a senhora Benta Carneiro dos Santos lembra que

Eu não morava lá no centro não. Toda vida foi aqui mesmo [Rua dos Roques] mas você tá pensando o quê? o bloco se organizava aqui nessas bandas, ali perto da Igreja dos Crentes (sic) tinha uma casa. Ai eles, os homens, se arrumavam lá. Quando era assim na véspera do carnaval, já ficava todo mundo só esperando, porque a gente já sabia que o bloco saía todo ano. Ai quando a gente ouvia a música, saía logo para espiar aqueles homens, era bem uns vinte, tudo de preto, correndo no meio da rua, e entrando nas casas, era! Para pegar criança, dava um medo, parecia uns diabos, uns vampiros, e o povo naquela época era muito besta mulher! (SANTOS, 2005).

A senhora Francisca Dantas de Farias que nunca foi a uma festa de carnaval diz que:

Ah, papai não deixava eu ir de jeito nenhum a uma festa de carnaval. Também eu nem queria ir. Ora, só o que eu ouvia era que nessa festa o Cão tava (sic) solto. Eu me lembro que o povo dizia que era uma depravação só. Mas ver eu nunca vi (FARIAS, 2008).

Num primeiro momento é preciso analisar o caráter subversivo do grupo apontado inicialmente pelas vestimentas. Todos os rememoradores os associaram a diabos ou a vampiros, o que certamente deve ter sido reforçado pelo comportamento que os membros do grupo apresentavam: “Eles ficavam correndo abrindo a capa assim, pareciam uns vampiros que iam sair voando, e fazendo assim, buuum, buuum. [risos]” (TÔRRES, 2004). O ato de “pegar crianças” reforçava no imaginário a idéia de pecado, ou para ser mais preciso, de diabos que capturam almas.

De acordo com a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres:

Era tanta criança chorando. Os pais não gostavam não, primeiro porque tinha aquelas coisas assim, de o povo achar que tudo era com indecência sabe? Depois era o medo que as crianças (sic) ficava mesmo. Ora, eu lembro que uma vez Sr. Mizinho correu atrás das minhas meninas, brincando, ele era do bloco, meu marido não gostou. Ai ele veio e pediu desculpas. Mas não era todo mundo que fazia isso não, basta! A maioria invadia as casas, pegava comer, bebia água e saía sem nem agradecer. E a meninada na rua, correndo, jogando



farinha, água, era o entrudo, era assim que chamava o carnaval naquela época (TÓRRES, 2004).

Mas havia ainda a idéia de que aquela prática poderia ferir a honra das mulheres. Por esse motivo elas deveriam manter-se a distância dos foliões, o que na maioria das vezes não acontecia.

Eu lembro que teve uma vez que estava eu e umas amigas tudo arrumada, perfumada. Ai veio aquele “Perna-Preta” e jogou água em nós duas, ficamos toda molhada. Ai começamos a correr atrás dele para dá o troco, ai quando a gente pegou ele, ele disse que nós éramos muito bonita e que ele só tinha feito aquilo para poder se aproximar. A gente ficou tão empolgada que corremos a cidade inteira acompanhando o bloco, só pra ver o rapaz (risos). (QUEIROGA, 2004).

Mesmo diante das medidas repressivas impostas socialmente, o carnaval realmente era sentido, ou pelo menos vivenciado por todos com uma inversão de valores, um espaço de burlas. Naquela ocasião todos pareciam ser tomados pelo espírito de festa. Mas era só aparência. Pois as festas eram espaços ideais para a prática de pequenos furtos e para a circulação mais livre de pessoas destoantes, tais como bêbados e prostitutas por exemplo.

Lembro-me que durante o carnaval e na festa do Rosário principalmente, acontecia (sic) muitos furtos. O povo saia pra ver o bloco na rua e quando voltava os ladrões tinham roubado roupas – as pessoas deixavam as roupas estendidas no muro, ai vinha o ladrão e roubava. Carregavam também galinhas. Viche! Eu lembro que teve uma vez que roubaram tanta galinha que a polícia botou um aviso dizendo que procura-se ladrão de galinhas! E roubava outras coisas (TÓRRES, 2004).

Num outro momento, lembra a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres,

A festa mesmo não tinha muita devassidão não. A gente só via os homens, bebendo, cantando, correndo como uns Diabos. Não tinha esses agarramentos que tem hoje não, o povo era muito direito. Agora tinha umas mulherzinhas, lá das bandas dos Pereiros, o povo dizia que era prostitutas [baixa a voz] que era toda atirada, ai ficava no meio mesmo dos homens, e eles eram homens, não tinham culpa de nada! (TÓRRES, 2004).

Muitos eram os pais que prendiam suas filhas em casa para não ver aquela “devassidão”. Muitos eram os lares que se trancavam durante a passagem do bloco.

“Algumas famílias iam passar o carnaval no sítio para não ver aquelas cenas que elas consideravam coisas do diabo” (TÔRRES, 2004).

Claro que as práticas não eram apropriadas da mesma forma pelas pessoas da cidade. Mas numa cidade como Pombal, qual prática não seria subversiva? Vestir-se de preto, era coisa do diabo, pegar criança? de novo, coisa do diabo, beber? coisa do diabo, namorar? coisa do diabo, sexo... o carnaval que continha todos esses elementos.... sem dúvida também era coisa do diabo!<sup>14</sup>

Mesmo em face das crendices “populares”, e diante do medo, as pessoas, tanto aquelas pertencentes aos segmentos mais abastados, como os pobres saíam às ruas para lançar “coisas” nos foliões, os mesmo sendo também de classes sociais distintas. Tal informação pode também nos dá a falsa impressão de que em Pombal, e durante o carnaval, as diferenças sociais se diluíam. É bem verdade que os “Pernas-pretas” era composto por homens ricos e também pobres. Contudo, em nenhum momento os nossos rememoradores mencionaram que havia negros naquele bloco. “Eu não lembro de nenhum negro não, lembro de Seu Otacílio, Nô, mas negro não, eu não lembro” (BANDEIRA, 2004).

Outro fator que aponta certa seletividade é a quantidade de foliões: “vinte”, “trinta”, “trinta e cinco no máximo”. Os números são bem expressivos para mostrar que nem todos podiam participar daquele bloco. Aparentemente, o ingresso se dava por afinidade, “era por amizade mesmo”, lembra o Sr. Manoel de Sousa Bandeira (2004).

Curioso também é o fato de que o bloco “Pernas-pretas”, foi criado por homens pobres, “eram lá da rua da Estação, ai vinham fazendo graça, correndo, entravam, nas casas, pediam dinheiro, depois ficavam cantando e dançando... e com o dinheiro compravam cachaça, né? depois foi mudando ai daqui a pouco só tinha gente mais ou menos, os pobres no bloco era pouco” ( SANTOS, 2005).

Se num primeiro momento as lideranças do bloco eram pessoas das classes subalternas, em pouco tempo, essa condição se inverteu. “que eu me lembre os principais membros do bloco eram os homens da rua do Comércio e da rua Nova, mas os outros participavam”. (BANDEIRA, 2004).

A mudança de condição dentro do bloco não pode ser entendida como simples “manipulação” dos homens dos segmentos pobres, por uma elite. A questão está para além dessa lógica. E se configura talvez como uma manobra, ou tática do

---

<sup>14</sup> Informações cedidas pela senhora Francisca Trigueiro Tôrres, a autora em 20.06.2004.

“fraco” para tirar proveito do forte. Certamente ao se aliar aos segmentos mais abastados, o grupo passava a gozar de algumas regalias, tais como: poder circular livremente pela cidade, beber, cantar e adquirir seus próprios instrumentos musicais. Assim, entendemos que não havia uma submissão dos segmentos populares, mas uma negociação. Negociação onde aparentemente os ganhadores era “os forte” homens da elite.

O carnaval de Rua em Pombal era mais ou menos isso: uma negociação. Para que todos se divertissem, era preciso uma boa mistura. Música, brincadeiras, mulheres, fantasias, liberdade... mesmo que controlada, ou sem controle algum.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Verneck. **Um olhar sobre Pombal antiga (1906 a 1970)**. João Pessoa: A União, 2002.

\_\_\_\_\_. **A trajetória Política de Pombal**. João pessoa: Imprel, 1999.

ABREU, Martha. Nos **requebros do Divino**: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: Maria Clementina Pereira Cunha. (Org.). **Carnavais e outras frestas**. Ensaios de História Social da Cultura. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 4 ed. São Paulo- Brasília, HUCITEC, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade moderna**. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I**: Artes de fazer. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular**: revisitando um conceito historiográfico. In. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995.

DAMATTA, Roberto – **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Rocco, 2001.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**: 2ª ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document229.html>.

SOIHET, Rachel. **O Drama da conquista na Festa**: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 9, 1992 p. 44-59.

SOUSA. Fabio Gutemberg R. Bezerra de. **Territórios de Confrontos**: Campina Grande (1920-1945). Campina Grande: EDUFPG, 2006.

SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos**: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965). 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

### FONTES ORAIS

ASSIS, Ivanil Salgado de. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 20. junho de 2004

BANDEIRA, Manoel de Sousa. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 28. julho de 2004.

JUNQUEIRA JUNIOR. Pedro. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 08. dezembro de 2007.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 06. junho de 2008.

NASCIMENTO, Nira do. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 06. junho de 2008.

SANTOS, Benta Carneiro dos. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 20. junho de 2004.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 20. maio de 2005b.

SOUSA, Raimundo Formiga de. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 06. junho de 2008b.

TÔRRES, Francisca Trigueiro. **Entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira. Pombal**. 20. junho de 2004.